

## Transcrição da Videoaula

**Atividade 3 (Introdução):** Controle de Infecção pelo *Mycobacterium tuberculosis* nos serviços que atendem PVHA

**Docente:** Rossana Coimbra Brito

[Profª Rossana Coimbra Brito]

Nesta aula, vamos falar sobre um conjunto de medidas que muitas vezes são superestimadas, às vezes também subestimadas e outras vezes são tratadas com muita desinformação, trazendo condutas que são, às vezes, inócuas e em outros momentos até discriminatórias e que fazem com que não haja efetividade, de fato, no controle da infecção tuberculosa.

[Profª Rossana Coimbra Brito]

Estamos falando do controle da infecção pelo *Mycobacterium tuberculosis* em unidades de saúde, e aqui, em especial o que preconizamos em unidades que atendem pessoas vivendo com HIV/aids.

O fato é que nós, profissionais de saúde e todas as pessoas que frequentam as unidades de saúde (pacientes, prestadores de serviços ou acompanhantes) corremos riscos relacionados a esses ambientes.

Que riscos são esses? Podemos adquirir, dependendo da via de transmissão e dos procedimentos realizados, doenças que sabemos que nossos pacientes são portadores ou doenças desconhecidas, que não sabemos estar presentes no nosso paciente.

Para a prevenção de doenças conhecidas e desconhecidas em unidades de saúde, precisamos seguir regras muito bem estabelecidas. Essas regras envolvem medidas de comportamento individual, uso correto de equipamentos e também medidas relacionadas à engenharia que dizem respeito à circulação de materiais e de pessoas.

É importante lembrar que as medidas preconizadas para a saúde do trabalhador também protegem direta ou indiretamente nossos pacientes e outras pessoas que circulam na unidade de saúde.

Apesar de termos regras bem estabelecidas para serem seguidas, vemos muitas vezes uma série de imprevistos que não levam a efetividade das ações preconizadas.

Devemos levar em consideração que mesmo seguindo todas as regras preconizadas nosso risco nunca será zero. Trabalhar para levar esse risco a níveis baixos aceitáveis é o nosso desafio.

De uma forma geral as precauções preconizadas para a diminuição da transmissão de doenças estão descritas nesses quatro grandes grupos. A tuberculose é uma doença de transmissão aérea.

Para melhor compreensão das medidas eficazes para o controle da tuberculose em ambientes de saúde, precisamos recordar um pouco a transmissão e a fisiopatogenia da doença.

Uma pessoa com tuberculose pulmonar em atividade, quando tosse, elimina para o ambiente externo partículas de diferentes tamanhos. As partículas pequenas ficam em suspensão no ar. Quando inspiradas pelo contato do caso índice, as partículas muito pequenas conseguem atingir os alvéolos e ali iniciam o processo da primoinfecção. O risco de progressão para tuberculose ativa é maior em algumas populações, entre as quais estão as pessoas vivendo com HIV/aids.

Recordando a transmissão podemos agora fazer um questionamento: qual o risco de adquirirmos tuberculose em unidades de saúde?

Para responder a essa pergunta, algumas variáveis devem ser consideradas:

- a prevalência de tuberculose na região da instituição;
- o perfil dos casos atendidos e o tempo de permanência dos pacientes bacilíferos na unidade;
- o grupo ocupacional, o tempo de trabalho ou de permanência na unidade;
- as características físicas dos ambientes de atendimento; e, por fim,
- as medidas de biossegurança adotadas.

Podemos perguntar: O tratamento da tuberculose em PVHA aumentará os riscos de infecção entre os profissionais de saúde e pacientes que freqüentam a unidade?

[Márcia Santos, Enfermeira]

Não tenham medo de tuberculose porque eu sinto que a gente desconsidera muito tuberculose, como se fosse bem distante de HIV. E é uma coisa... Eles são muito, muito juntos. Quantos pacientes que ninguém imaginava que pudessem ter tuberculose e estavam com tuberculose? E fica uma coisa ilógica eu tratar tuberculose em outro serviço.

[Profª Rossana Coimbra Brito]

Pessoas com tuberculose ativa, ainda sem diagnóstico, sem tratamento e com formas potencialmente contagiosas frequentemente circulam em unidades de atendimento a pessoas vivendo com HIV/aids.

Dar condições para a correta condução do SR, fazer diagnóstico e tratamento precoces da tuberculose e adotar medidas de controle de infecção tuberculosa trarão impacto positivo e diminuirão o risco de contaminação de profissionais e outros pacientes.

Para melhor entender as medidas de controle da infecção tuberculosa que são preconizadas precisamos atentar ao fato de que o risco para a infecção por *Mycobacterium tuberculosis* em unidades de saúde depende do número de pacientes que circulam no ambiente, da quantidade de partículas infectantes no ambiente e do grau de ventilação.

Os três grandes grupos de medidas preconizadas, consistem em intervenções nessas variáveis. Elas são assim distribuídas hierarquicamente:

- 1 - Medidas administrativas ou gerenciais - visam reduzir a exposição do trabalhador de saúde, dos pacientes e dos visitantes ao *Mycobacterium*

*tuberculosis;*

2 - Medidas de controle ambiental - têm como objetivo reduzir a concentração de partículas infectantes no ambiente; e

3 - Medidas de proteção individual - visam a proteção individual do pessoal de saúde da inalação de partículas infecciosas em ambientes selecionados.

Para conhecê-las melhor, assista os vídeos a seguir.